

Quando eu era pequeno, à noite, e já estava sentado na cama, a mãe dizia

com Deus me deito
com Deus me acho
aqui vai o Tóino
pela cama abaixo

eu ia, ela apagava a luz, e logo a seguir manhã. Hoje sonhei que estava sentado no parapeito do Viaduto Duarte Pacheco, a minha mãe chegava, dizia

com Deus me deito
com Deus me acho
aqui vai o Tóino
pela cama abaixo

eu ia e logo a seguir nada. Um dia destes vai ser assim, desejo que um dia destes seja assim. O meu irmão Pedro morreu muito depressa no dia 21 de Dezembro, como era costume nele sem prevenir ninguém, mas tenho a certeza que, em qualquer ponto seu

com Deus me deito
com Deus me acho
aqui vai o Pedro
pela cama abaixo

só que, se calhar, ninguém tomou atenção a estas palavras. No dia seguinte fomos, os irmãos, dizer à mãe. Estava sentada na cadeira do costume e portou-se com a imensa dignidade com que sempre viveu. As suas palavras foram

- Tenham misericórdia de mim.

Era muito bonita, a mãe. Ensinou-nos a ler e ensinou-nos a dançar, talvez as duas coisas mais importantes do mundo. E lembro-me de a ver andar de bicicleta na Praia das Maçãs, um pouco indignado porque andar de bicicleta era uma coisa para nós, não era uma coisa para ela.

Depois de

- Tenham misericórdia de mim

que foi a única vez que a vi usar essa palavra, passado um bocado acrescentou

- Uma mãe não tem o direito de estar viva quando um filho morreu.

e morreu de lhe ter morrido o filho, com uma discrição e uma elegância exemplares. Não tinha nenhuma doença especial: apenas a obrigação de cumprir um dever e foi juntar-se ao Pedro. Não comia quase, sentada na cadeira em que recebeu a notícia.

Às vezes dizia-lhe versos porque ela gostava muito de poesia. Na igreja disse-lhe um dos seus sonetos preferidos, de António Sardinha, que aprendi com o pai. Costumava contar que o pai, enquanto se arranjava de manhã, na casa de banho, recitava poemas e ela ficava a um canto, a ouvi-lo.

- O que é que a seduziu no pai, mãe?

- A inteligência

ela que começou a namorá-lo aos catorze anos. Isso e a voz do pai, tão sensual:

- Nenhum dos filhos herdou a voz do pai. Talvez o António, um bocadinho.

A sensualidade e a inteligência, ela que era uma mulher muito inteligente. Falava, por exemplo, de Bento de Jesus Caraça que tinha conhecido menina, lá na Beira Alta, com o entusiasmo com que uma adolescente fala de um actor de cinema. Durante os meses em que estive a preparar-se para se reunir ao filho às vezes pegava--lhe na mão e os dedos tão suaves e doces. Não éramos ricos, teve muitos filhos, tinha de tomar conta daquilo tudo, costurava, trabalha bastante em casa e quando se arranjava, assim para jantares mais de cerimónia, ficava uma brasa e pêras.

Também não era especialmente terna mas contava-me, por exemplo, que, era eu bebé, lhe doía a boca de me dar beijos. Entre tantas mulheres apenas ela me declarou isso. Deve ser tão bom doer a boca de beijar. Há alturas em que me sinto culpado pelos problemas que lhe atirei para cima: doenças (uma meningite aos oito meses durante a qual estive em coma, tuberculose aos três anos), o meu mau feitio

(- Assim tão mau, mãe?)

o meu completo desinteresse pelos estudos

(Só se preocupa em escrever e ler)

o seu receio de me ver acabar a vender pensos rápidos e Bordas d'Água nas esplanadas porque a literatura não dá de comer a ninguém, esquecida que a culpa era dela dado que nos ensinou a ler antes de entrarmos para a escola e, em mim, a doença pegou:

- Só liga a livros e a raparigas.

Eu perguntava-lhe

- Existe alguma coisa para além disso, mãe?

e o facto de não responder significava, talvez, que até certo ponto estava de acordo.

Às vezes, ao zangar-se

- Não sorrias porque estou a ralhar-te

e, quando eu sorria, era-lhe difícil ralhar-me

- Sobretudo não faças essa carinha
e eu lá mudava a carinha para o resto da
descompostura. Julgo que só compreendi bem o que
sentia por mim quando estava com o cancro e ela
veio visitar-me. Não era mulher de lágrimas mas a
cara encontrava-se cheia delas, escondidas. Agora
tenho o seu retrato ali e sou eu que as escondo. Pior
do que você, mãe, visto que sou mais chorão. A
Zézinha nasceu quando eu na guerra e escreveu-me
a contar: "não sei se estás vivo ou morto porque há
um mês e meio que não sei nada de ti". Estava vivo.
Não assim muito vivo, mas vivo, ao passo que quanto
a si, mãe, nunca esteve tão viva como agora.

Com Deus me deito
com Deus me acho
aqui vai o Tóino
pela cama abaixo.

Tanta coisa que eu podia contar a seu respeito, e não
conto, e jamais contei. Não sou capaz, tenho pudor.
Enquanto a metiam debaixo da terra e não aguentei,
fui-me embora. Fazia um dia de sol muito bonito. E
tive a certeza de ver o Pedro ao longe. Não
precisámos de falar. Quase nunca precisávamos de
falar para nos entendermos.

Mas a palavra mãe ia de um para o outro. E somos nós que vamos pela cama abaixo. A mãe será a última pessoa a ficar, olhando para a gente. Nascemos de si, não tem o direito de se ir embora. Não concorda? Olhe que eu ponho-me a sorrir aquele sorrisinho parvo até escutar que sim.

António Lobo Antunes

Crónica - revista Visão